



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS II – AREIA PB
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MÉRCIA INARA RODRIGUES DE FARIAS

**A UTILIZAÇÃO DO JARDIM SENSORIAL NA APAE/PB COMO RECURSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

**AREIA
2020**

MÉRCIA INARA RODRIGUES DE FARIAS

**A UTILIZAÇÃO DO JARDIM SENSORIAL NA APAE/PB COMO RECURSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Universidade Federal da Paraíba - UFPB como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Silva
Daxenberger

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F224u Farias, Mércia Inara Rodrigues de.

A utilização do jardim sensorial na APAE/PB como
recurso de ensino e aprendizagem / Mércia Inara
Rodrigues de Farias. - Areia PB, 2020.

47 f. : il.

Orientação: Ana Cristina Silva Daxenberger.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Inclusão escolar. 2. Sentidos. 3. Jardim móvel. 4.
Formação docente. 5. Manual prático de jardim. I.
Daxenberger, Ana Cristina Silva. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

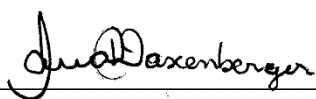
MÉRCIA INARA RODRIGUES DE FARIAS

**A UTILIZAÇÃO DO JARDIM SENSORIAL NA APAE/PB COMO RECURSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

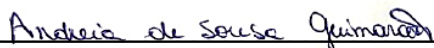
Trabalho de conclusão de curso
apresentado a Universidade Federal da
Paraíba - UFPB como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em
Ciências Biológicas.

Aprovado em 20 de Abril de 2020

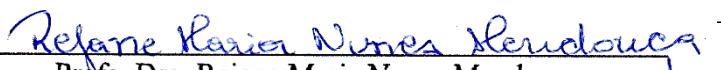
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Silva Daxenberger
Orientador(a) – DCFS/CCA/UFPB



Profa. Dra. Andreia de Souza Guimarães
Examinador(a) – DCFS/CCA/UFPB



Profa. Dra. Rejane Maria Nunes Mendonça
Examinador(a) – DFCA/CCA/UFPB

*Dedico aos meus pais que acompanharam
toda minha trajetória acadêmica e sei que
estarão ao meu lado sempre que precisar. E
ao meu avô Severino Galdino de Farias (in
memorian) por todo legado deixado.
Obrigada por tudo, amo vocês!!!*

RESUMO

A dificuldade da inserção da pessoa com deficiência no ensino regular foi algo que por muito tempo acabou sendo depreciada gerando muitas dúvidas e medo em alguns pais e/ou familiares o sentimento de receio por parte da sociedade. Com os obstáculos presentes no processo de ensino e aprendizagem dessas pessoas alguns pesquisadores desenvolveram meios que facilitassem o fazer pedagógico. Dessa forma, a interação dos alunos com deficiência com meio ambiente natural além de diferenciado, torna o ensino e aprendizagem dinâmico e prazeroso. Remetendo a ideia funcional que possui o jardim sensorial, nasceu esta proposta de execução funcional/educacional e utilização desse recurso didático numa APAE/PB. Nesse estudo buscou-se avaliar a utilização pedagógica do jardim sensorial, salientando seus benefícios para fins didáticos, tendo em vista o bem-estar para os usuários. Em meio a isso, se torna necessário compreender a história da deficiência e toda sua adversidade para saber o quão importante e necessário se fazer a luta pelos direitos das pessoas com deficiência na sociedade. A pesquisa em questão foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, do município de Areia PB, e foi uma pesquisa quali-quantitativa. Como instrumento de pesquisa, utilizou-se um questionário semiestruturado aplicado para 9 professoras da instituição. No presente trabalho também consta uma cartilha de apoio que seria destinado para a capacitação dos professores que por conta do Coronavírus ficou impossibilitada de acontecer. Na APAE, o jardim sensorial é utilizado tanto no campo pedagógico quanto no clínico, no qual a utilização do jardim na instituição é feita regularmente. Com as informações obtidas, constatou-se que é clara a importância do uso do Jardim sensorial para o desenvolvimento e interação das pessoas com deficiência e de maneira geral, o objetivo do jardim está sendo alcançado, mesmo que incipientemente, a cada visita proporcionada pelas professoras, a cada atividade realizada pelos alunos e a cada estudo ocorrido no espaço. Todavia, os dados mostram a necessidade de formação docente às participantes da pesquisa para aprimoramento da utilização do jardim sensorial como prática educativa, além dos aspectos sensoriais.

Palavras-Chave: Inclusão escolar. Sentidos. Jardim Móvel. Formação docente. Manual prático de jardim.

ABSTRACT

The difficulty of inserting people with disabilities in regular education was something that for a long time ended up being depreciated, generating many doubts and fear in some parents and / or family members or a feeling of rejection by society. With the obstacles present in the teaching and learning process of these people, some researchers develop means that facilitate pedagogical learning. Thus, the interaction of students with disabilities with the natural environment, in addition to being different, makes teaching and learning dynamic and pleasurable. Referring to the functional idea that the sensorial garden has, this proposal for functional / educational execution and the use of this didactic resource in an APAE / PB was born. In this study, we sought to evaluate the pedagogical use of the sensory garden, highlighting its benefits for didactic purposes, with a view to the well-being of users. In the midst of this, it becomes necessary to understand the history of disability and all of its adversity to know how important and necessary it is to fight for the rights of people with disabilities in society. The research in question was carried out at the Association of Parents and Friends of the Exceptional, in the municipality of Areia PB, and it was a qualitative and quantitative research. As a research instrument, a semi-structured questionnaire was applied to 9 teachers at the institution. This work also contains a support booklet that would be destined for the training of teachers who, due to the Coronavirus, were unable to do so. At APAE, the sensory garden is used both in the educational and clinical fields, in which the use of the garden in the institution is done regularly. With the information obtained, it was found that the importance of using the Sensory Garden for the development and interaction of people with disabilities is clear and in general, the objective of the garden is being reached, even if incipiently, with each visit provided by the teachers, each activity performed by the students and each study that took place in space. However, the data show the need for teacher training for research participants to improve the use of the sensory garden as an educational practice, in addition to sensory aspects.

Keywords: School inclusion. Senses. Mobile garden. Teacher training. Practical garden manual.

LISTAS DE FIGURAS

Gráfico 1. Conhecimento das educadoras sobre o Jardim Sensorial	24
Gráfico 2. Utilização do jardim pelas professoras.....	28
Gráfico 3. Periodicidade de visitas ao Jardim Sensorial	30
Gráfico 4. Dificuldade das educadoras para trabalhar com jardim.	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Espécies botânicas viáveis para a produção do Jardim Sensorial.....	20
---	----

LISTA DE SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OMS	Organização Mundial da Saúde
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PC	Paralisia Cerebral
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	AS (RE)DESCOBERTAS HISTÓRICAS DA DEFICIÊNCIA E O TRABALHO DA APAE EM AREIA	13
2.2	A ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE).....	17
2.3	RELEVÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DO JARDIM SENSORIAL	18
3	METODOLOGIA	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
4.1	ASPECTOS CONCEITUAIS E PROCEDIMENTAIS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O JARDIM SENSORIAL.....	24
4.2	CORRELAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM SALA COM O JARDIM SENSORIAL.....	30
4.3	INTERAÇÃO DOS ALUNOS	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5.1	PALAVRAS FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	40
	APÊNDICE	44
	Apêndice A – Questionário.....	44
	Apêndice B – Cartilha.....	46

1 INTRODUÇÃO

No ambiente pedagógico, onde o educador necessita meramente da dedicação dos educandos para um aprendizado efetivo, a interação e busca pela atenção de crianças e jovens é sempre um desafio. Às vezes, torna-se desgastante e/ou desafiador, ainda mais quando se trata de indivíduos com deficiências. De acordo com a Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, o Art. 2 atesta que:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015).

A inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular foi algo que por muito tempo acabou sendo depreciada gerando muitas dúvidas e medo em alguns pais e/ou familiares e receio de parte da sociedade. Diante desse quadro, as pessoas com deficiência acabaram ganhando aporte nessa área através da LDB – Lei de Diretrizes e bases, nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e garante a inserção dessas pessoas no ensino regular. Conforme a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no Art.4º assegura o “Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996).

Os profissionais envolvidos no ato de ensinar e aprender, se deparam com situações que, de certa forma, atrapalha esse processo, seja a estrutura física da instituição de ensino que não comporta e/ou não apresentam condições para a realização das atividades pedagógicas por não acomodar de maneira confortável os educandos; seja por despreparo dos próprios profissionais diante do trabalho que precisam desenvolver com os alunos; ou seja pela falta de recursos que impede o bom funcionamento da instituição e consequentemente a aquisição de materiais necessários para o andamento do processo ensino/aprendizagem. “Sabemos o quanto à educação é essencial para o desenvolvimento intelectual e pessoal de todos os indivíduos. No entanto em se tratando de pessoas com deficiência, ela adquire um caráter prioritário e decisivo para sua inserção na sociedade.” (PEREIRA, 2016, p.03) Esses fatores, são alguns dentre tantos, que acabam de certa forma comprometendo o desenvolvimento dos educandos.

Os obstáculos recorrentes no processo de ensino/aprendizagem dessas pessoas fizeram com que alguns pesquisadores desenvolvessem meios que facilitassem esses métodos,

utilizando-se de recurso, apoios pedagógicos, metodologias diferenciadas e, sobretudo, o reconhecimento das necessidades educacionais especiais destes sujeitos. Na sociedade brasileira [...] “muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e, portanto, possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização.” (BRASIL, 2003, p. 20).

Inseridos a um bom processo de ensino/aprendizagem, está à utilização de materiais e espaços dinâmicos para incentivar a aprendizagem. A produção de materiais didáticos com objetos recicláveis, artigos sintéticos e aparatos gráficos, são algumas formas tradicionalmente utilizadas como auxílio nesse processo. Entretanto, só esses artifícios nem sempre são eficazes quando se trata de pessoas com necessidades especiais e educacionais especiais, é necessário algo mais.

As atividades práticas que não se limitam a ter um formato roteiro de instruções, com o qual os alunos chegam a uma resposta esperada, podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades importantes no processo de formação do pensamento científico e auxiliar na fuga do modelo tradicional de ensino, em que o aluno é um mero expectador e não participa no processo de construção do seu conhecimento. (LIMA & GARCIA, 2011, p. 202).

Com os avanços realizados em direção a uma didática mais flexível, a utilização de recursos como espaços mais amplos e arejados, a exemplo dos jardins naturais, estão sendo cada dia mais associados às metodologias do processo educativo, por favorecer a concretude do acesso aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais presente no currículo escolar.

Para os educandos com deficiência a interação com o meio ambiente natural além de ser diferenciado, torna o ensino/aprendizagem dinâmico e prazeroso, pois esse contato proporciona diversas sensações ao indivíduo facilitando sua aprendizagem e inclusão escolar e social. “Para os deficientes físicos e visuais, os jardins das sensações “sensoriais”, oferecem um contanto mais próximo e seguro com a natureza.” (MATOS et al, 2013, p.144) Os jardins são ferramentas práticas e viáveis que contribuem para as descobertas e apropriação do conhecimento dos alunos. A exemplo da execução desse processo metodológico se tem os zoológicos, parques e jardins botânicos.

Remetendo a ideia funcional que possui o jardim botânico, nasceu esta proposta de execução funcional/educacional e utilização pedagógica de um jardim na APAE/PB como um espaço não formal, no âmbito escolar, que possibilitasse o contato do indivíduo. O jardim sensorial pode despertar através dos sentidos sensoriais do sujeito a percepção do novo e favorece à assimilação do conteúdo ministrado. “A proposta de se criar um ambiente educacional como o Jardim Sensorial vem da necessidade de tornar equânime o outro sentido,

para além do sentido da visão na aprendizagem, criando um ambiente de educação cooperativa e inclusiva.” (SILVA & LIBANO, 2014, p. 07)

Os jardins sensoriais, ao contrário dos jardins comuns, diferem-se ao proporcionar aos usuários sensações perceptivas táteis, olfativas, visuais, auditivas e palatáveis. “Um jardim sensorial propõe-se mostrar mais do que os olhos estão acostumados a ver. É como reconhecer a Natureza de outra maneira, por meio da textura das folhas, do cheiro das flores e do sabor ou do som dos pássaros e vento.” (MATOS et al., 2013, p.144) O jardim pode ser introduzido pelos próprios educadores e educandos com deficiência em uma área externa da instituição que tenha uma boa acessibilidade e possua um espaço ideal para livre locomobilidade dos alunos.

Essa ferramenta didática tem o objetivo de consolidar dos conteúdos relacionados à botânica e à educação ambiental, propiciar a socialização dos educandos através de atividades de plantio e cultivo de plantas, incentivar à exploração do meio ambiente de maneira consciente e proporcionar um momento de descontração e relaxamento, além de contribuir no desenvolvimento motor de alguns indivíduos envolvidos no processo.

Dado o exposto, o presente trabalho pretende avaliar a utilização pedagógica do jardim sensorial da APAE, salientando seu benefício para fins didáticos, tendo em vista o bem-estar para os usuários, colaborando assim para a expansão do conhecimento e atestando a importância que os jardins sensoriais possuem para o desenvolvimento desses alunos. Desse modo, essa pesquisa além de fomentar mais estudos sobre a utilização dessa ferramenta, pode contribuir de maneira positiva para a implementação de Jardins Sensoriais, em espaços educativos, ainda pouco utilizados, mas com potencial para grandes descobertas pelos estudantes e educadores. Neste sentido apresentamos os objetivos da pesquisa:

- ✓ Utilizar o Jardim Sensorial na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Areia/PB e verificar a importância da implementação desse recurso de ensino às crianças com deficiência e/ou necessidade educativa especial.
- ✓ Orientar aos educadores sobre a utilização do jardim sensorial como recursos didático, onde será confeccionado com a ajuda dos mesmos um acervo botânico móvel, necessários para os alunos que não terão como acessar o jardim.
- ✓ Avaliar a concepção e a utilização do jardim sensorial pelos educadores na utilização desse instrumento inserida no processo de ensino-aprendizagem e a influência do trabalho com o Jardim sensorial no desenvolvimento de pessoas com deficiência e/ou necessidade educativa especial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS (RE)DESCOBERTAS HISTÓRICAS DA DEFICIÊNCIA E O TRABALHO DA APAE EM AREIA

É necessário compreender a história da deficiência e toda sua adversidade para saber o quanto importante e necessário se faz a luta pela inclusão dessas pessoas na sociedade. “A realidade humana é marcada historicamente e culturalmente, bem como a deficiência, que também passa a ser compreendida como fruto de uma compreensão histórica e com o passar dos séculos foi entendida de formas diferentes.” (BRANDENBURG & LÜKMEIER, 2013, p. 176). As condições duras impostas pelo ambiente e o pouco recurso fizeram com que essas pessoas fossem, de certa forma, eliminadas. “Os estudiosos acreditam que a sobrevivência de uma pessoa com deficiência nos grupos humanos primitivos era impossível, porque o ambiente era desfavorável e porque essas pessoas representavam um fardo para o grupo.” (CLEMENTE, 2015, p.33).

"Evidências arqueológicas de 4.500 anos a.C. indicam que no Egito Antigo a pessoa com deficiência integrava-se nas diferentes classes sociais, como faraó, nobres, altos funcionários, artesões, agricultores e escravos." (CLEMENTE, 2015, p.34) Num salto cronológico, chega-se ao período de a maior civilização da história ocidental onde a visão hostil contra o deficiente ainda impera: estamos falando da Antiguidade. “Na Roma Antiga, tanto os nobres como os plebeus tinham permissão para sacrificar os filhos que nasciam com algum tipo de deficiência” (GARCIA, 2010, p.10). Nessa época, a questão mitológica influenciara fortemente na negação a essas pessoas. O deus grego do fogo, Hefesto, também marcou a história da deficiência,

Neste ponto, é significativo, para a compreensão da condição da pessoa com deficiência, o mito de Hefesto que, apresentando o fator deficiente como castigo divino, demonstra, primeiro, o drama íntimo da não-aceitação e a atitude subserviente decorrente dessa baixa estima pessoal. (SILVA, 2010, p.102).

“Até o aparecimento do cristianismo a pessoa com deficiência era vista como um ser sem alma, dotado de uma infelicidade por ser assim constituído.” (CLEMENTE, 2015, p. 36). “Inicialmente é evidenciada uma primeira fase, marcada pela negligência, na era pré-cristã, em que havia uma ausência total de atendimento.” (MIRANDA, 2004, p.02). Algum tempo depois a história do deficiente começou a ter uma reviravolta e parecia está tomando um novo rumo. “Na Idade Média, em função da influência do Cristianismo, os senhores feudais adotaram, na maioria das vezes, um tratamento de amparo aos doentes e deficientes.” (GARCIA, 2010, p.10)

Nesse sentido, atitudes de exterminação não são mais consideradas como aceitáveis e os cuidados com a pessoa com deficiência passam a ser assegurados pela família e a igreja, mesmo que tais cuidados não garantam, ainda, a integração do deficiente nessas instituições e na sociedade de forma geral. (PACHECO, 2007, p. 243).

“Mas neste período da idade média ocorria também a amputação de membros, isso se dava por castigos, ou seja, penas severas dadas as pessoas que cometiam crimes considerados graves.” (BRANDENBURG & LÜKMEIER, 2013, p.180). Com o passar do tempo, a capacidade e o potencial dessas pessoas foram se sobressaindo e assim mostravam que não deveriam ser excluídas e subestimadas; além é claro do surgimento e fortalecimento da ciência moderna que desmitificava a deficiência como pecados ou não bênçãos divinas associadas aos corpos perfeitos, os quais se imaginava que o corpo humano estava associado aos corpos de seus deuses.

De acordo com Fernandes et. al. (2014), foi a partir da Revolução Industrial marcada pela crescente demanda de trabalhadores nas indústrias e fábricas no século XVIII, que a pessoa com deficiência ganhou espaço através da integração por reconhecimento da capacidade e competência nas atividades desempenhadas.

Mais tarde no período da segunda guerra, muitas pessoas acabaram se tornando deficientes em consequência da atuação em batalhas. Na Alemanha, durante a primeira e a segunda guerra mundial, a crueldade era pior do que aparentava ser, pois os preceitos eugênicos, trazidos pelo nazismo, trouxe a mortabilidade das pessoas com deficiência, como garantia de assegurar o “genes perfeito” e o futuro da humanidade. Clemente afirma que “Pessoas com deficiência foram eliminadas em câmaras de gás nazistas, junto com outros grupos perseguidos pelo regime alemão, como os judeus, dissidentes políticos capturados, etc.” (2015, p.39) “Se antes a sociedade não se preocupava com a questão da pessoa com deficiência, após este período tal questão ficou muito mais próxima.” (PACHECO & ALVES, 2007, p.245) Isto também ocorreu porque as marcas da Segunda Guerra Mundial deixaram, em vários países, sequelas da deficiência e/ou traumas psiquiátricos, exigindo dos Estados políticas de inclusão.

As batalhas em guerra poderiam nem sempre serem vitoriosas, entretanto a luta dessas pessoas não foi totalmente em vão. “A movimentação das pessoas com deficiência em várias partes do mundo após a segunda guerra mundial tem uma mensagem clara de que elas querem ser protagonistas de uma sociedade inclusiva.” (CLEMENTE, 2015, p.41) Movimento este que fortaleceu o movimento inclusivo social e escolar.

Já no Brasil, em meados do século XIX a quantidade de pessoas deficientes aumentou por conta das batalhas recorrentes da época. “Segundo citações e cronistas da época, o general Duque de Caixas externou ao Governo Imperial suas preocupações com os soldados que adquiriam deficiência” (GARCIA, 2010, p.27). Em resposta a essa problemática, foi criado o Asilo dos Inválidos da Pátria para receber as pessoas com consequências, fossem elas físicas ou psicológicas, resultantes de batalhas.

“As tendências humanistas do final do século XIX foram muito importantes para que então, o conceito de reabilitação, no sentido de atender às necessidades da pessoa com deficiência como um todo, chegasse ao que se vê na atualidade.” (PACHECO & ALVES, 2007, p. 244). Depois deste período, o Brasil acompanhou o movimento mundial de políticas para pessoas com deficiência.

A partir do século XX, a questão da inclusão do deficiente vem sendo mais aceita e trabalhada.

Os antecedentes históricos da construção dos direitos das pessoas com deficiência retratam a luta de um segmento vulnerável e excluído, que vem no século XX conquistando espaços de participação, reconhecimento e possibilidades efetivas de contribuição. (LOPES, 2009, p.165).

“A preocupação com as pessoas portadoras¹ de necessidades especiais aqui no Brasil ocorreu somente no final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX.” (BRANDENBURG & LÜKMEIER, 2013, p. 182). De acordo com Carvalho-Freitas e Marques (2007), surgiram nesse período instituições que foram/são responsáveis pelo atendimento a pessoas com deficiência, organizações como a OMS (Organização Mundial da Saúde), UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e a OIT (Organização Internacional do Trabalho) possibilitaram a inclusão dessas pessoas a sociedade de maneira justa. “A “epopeia” das pessoas com deficiência passaria a ser objeto do debate público e ações políticas, assim como outras questões de relevância social, embora em ritmos distintos de um país para o outro.” (GARCIA, 2010, p.22)

E mesmo que depois de todo esforço para aceitação dessas pessoas no mercado de trabalho tenha surtido efeito positivo, ainda existiam setores em que a luta não tinha alcançado com tanta força, como por exemplo, a educação para crianças e adolescentes. “O senso comum indicava que estas crianças não poderiam estar nas escolas regulares[...].” (GARCIA, 2010, p.29). A partir dessa segregação começaram surgir entidades voltados único e, exclusivamente, para o atendimento educacional dessas pessoas. “O número de estabelecimentos de ensino especial aumentou entre 1950 e 1959, sendo que a maioria destes eram públicos em escolas regulares.” (MIRANDA, 2004, p.04). Entre esses estabelecimentos está encontra a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) que é uma dessas instituições em exercício até os dias atuais, recebendo uma demanda considerável de pessoas deficientes para educação e tratamento complementar.

¹ Portadoras: termo utilizado pelo autor, entretanto, entendemos que este termo não é adequado por não se reconhecer a pessoa com deficiência como portadora, de maneira simplificada, ou ela possui uma deficiência ou não possui.

2.2 A ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE)

Embora a atuação da APAE já ocorra há mais de 60 anos, ainda existem algumas pessoas que desconhecem sua importância e contribuição para sociedade. Entretanto, antes de conhecermos a APAE, outra organização também surgiu com o mesmo objetivo, dar aporte as pessoas deficientes.

No final da década de 50 e início da de 60, foi criado no Rio de Janeiro o Centro de Aprendizagem Ocupacional – CAO, instalado inicialmente de maneira precária em uma sala junto na “Escola Primária Experimental Professor La Fayette Cortes” para desenvolver atividades de carpintaria junto a cinco adolescentes “excepcionais” [...]. (SILVA, 2000, p. 136).

A APAE teve sua fundação em 11 de dezembro de 1954 no Rio de Janeiro e é uma organização filantrópica que surgiu com o objetivo de dar assistência a pessoa com deficiência. “Desta forma, um grupo motivado por Beatrice Bemis, formado por pais, amigos, médicos, professores e até outros profissionais interessados na questão do excepcional no Brasil, fundou a primeira APAE no Brasil[...]” (FIDELIS & MIKI, 2017, p. 04). Atualmente, a representações da associação estão espalhadas por todo país. “Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente em mais de 2 mil municípios em todo o território nacional.” (APAE)

A associação surgiu quando, em algumas décadas atrás, as pessoas com deficiência não tinham as mesmas oportunidades nas escolas de ensino regular. Silva (2000, s/p) em sua fala afirma que:

A configuração da APAE como associação que previa o lugar da educação da pessoa deficiente interligada com a realidade social do País, pode ser claramente visualizada por meio do duplo objetivo: educar para o trabalho e, ao mesmo tempo, garantir o emprego por intermédio de seus centros de colocação.

Nos dias de hoje o cenário é um pouco diferente, as pessoas com deficiências ganharam o direito de acesso ao ensino regular. Assim a APAE segue com o intuito de somar na vida dessas pessoas. “É uma Associação sem caráter substitutivo ao ensino comum, que realiza suas atividades no contra turno, contribuindo efetivamente para garantir o acesso dos alunos às escolas das redes municipais e estaduais[...]” (GUIMARÃES & FERNANDES, 2018, p.241). Associada as práticas pedagógicas as atividades interativas são oferecidas para o desenvolvimento do aluno, como: arte, esportes, computação, dança. De acordo com Guimarães e Fernandes (2018, p.241), também são disponibilizados “[...]atendimentos de fonoaudiologia, fisioterapia, odontologia, hidroginástica

e psicomotricidade. Utilizando desta forma uma prática pedagógica inclusiva, contextualizada e lúdica.”.

Na cidade de Areia/PB, a APAE surgiu em 14 de janeiro de 2003 e funcionando em seu primeiro local de instalação até o ano de 2014. “No ano 2015, por meio de doações, a instituição recebeu um prédio novo em um local mais espaçoso que passou a atender uma demanda maior de crianças.” (DAXENBERGER & SANTOS, 2018, p. 26).

“Na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais–APAE Areia-PB, estão matriculados alunos de diversas faixas etárias, desde crianças até adultos que apresentam diferentes tipos de necessidades educacionais especiais (N.E.E).” (SILVA, 2018, p. 02). Atualmente a APAE conta com um quadro de funcionários de diversas áreas, dentre eles alguns voluntários. “Além disso, conta com uma equipe de 09 (nove) professoras pedagogas; 03 (três) Fisioterapeutas; 05 (cinco) mães voluntárias, dentre estas, uma cozinheira e três auxiliares de serviços gerais.

Na APAE, do município de Areia, além das atividades envolvendo a fisioterapia e equoterapia, arte, educação, computação e outras mais, agora conta com o apoio de um jardim sensorial que foi desenvolvido para auxiliar no desenvolvimento dos alunos da instituição. “O jardim sensorial tem importância terapêutica, educacional, inclusiva.” (SILVA, 2018, p. 14)

2.3 RELEVÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DO JARDIM SENSORIAL

“Um jardim é um fragmento de um sonho e deve ser compartilhado por todo e qualquer usuário, incluindo os portadores de deficiência em geral, ou seja, deficientes visuais, auditivos, físicos, e também as pessoas idosas.” (OSÓRIO, 2018, p. 29). Segundo Matos et. al. (2013) os jardins são sinônimo de entretenimento e descanso onde a natureza é responsável por proporciona sensações variadas no contato feito pelo individuo além do conhecimento adquirido. A dinâmica a qual o jardim propõe, auxilia de maneira positiva no processo de aprendizagem dos indivíduos por ser uma ferramenta que desperta o interesse de quem utiliza.

De acordo com Silva e Libano (2014, p. 03): “Os Jardins são uma antiga terapia. Suas formas de construção desde os primórdios buscam estimular os sentidos humanos.”. “Atrlando as diferentes formas educacionais, o jardim possibilita uma maneira atraente e terapêutica no processo de ensino aprendizagem.” (SILVA, 2018, p. 03).

Diferente dos jardins comuns, o jardim sensorial é um instrumento que auxilia as pessoas com deficiência a desenvolverem seus mais diversos sentidos, além de contribuir também com o conhecimento das outras pessoas que tenham curiosidade em conhecer. No âmbito da educação formal, os jardins sensoriais são utilizados no reforço da Educação

Ambiental. “[...] os professores recorrem à esses locais na tentativa de propiciar aos seus estudantes uma prática da teoria vista em sala de aula, além de atualizá-los com relação às descobertas científicas.” (BORGES & PAIVA, 2009, p.28).

Também conhecido como Jardim dos sentidos, ele representa para as pessoas com deficiência mais do que apenas uma paisagem bonita, representa liberdade, socialização e terapia. “O jardim sensorial é diferente de um tradicional, pois ele tem um propósito bem definido de aguçar os sentidos adormecidos e apresenta benefícios, tais como, ser um ótimo lugar para fugir da rotina e relaxar.” (SILVA, 2018, p. 06).

“Recorrendo aos vários elementos que integram este tipo de jardins, todos os sentidos são estimulados.” (CARVALHO, 2011, p.37). Os sentidos aos quais se refere a fala acima são os sentidos do sistema sensorial: tato, paladar, olfato, audição e visão. “Os 5 sentidos (tato, paladar, olfato, visão e audição) são despertados pelos jardins sensoriais, os quais utilizam da metodologia no uso das texturas, o cheiro, o sabor, a imagem e o som. Esses sentidos serão aguçados de pessoa para pessoa.” (SILVA, 2018, p. 03). O jardim sensorial pensado para pessoas com deficiência tem que ser além de funcional ao despertar os sentidos, tem que ser também acessível, onde possa oferecer as sensações de maneira equivalente aos usuários. “Para as pessoas com necessidades especiais, como cadeirantes e deficientes visuais terem pleno acesso a esses locais torna-se necessária uma estrutura física adaptada que os contemple.” (OSÓRIO, 2018, p. 11).

Corrêa (2009, p.35) ainda explica que:

Além do benefício propiciado para pessoas que apresentam diferentes deficiências (deficientes visuais, surdocegos, deficientes motores com alteração de marcha, pessoas com déficit cognitivo e de equilíbrio); o jardim pode beneficiar também pessoas que necessitam relaxamento e contato com a natureza para reduzir o estresse do dia a dia.

Além da estrutura física do jardim, é necessário ter atenção no que diz respeito à parte vegetal que irá constitui-lo, já que todas as pessoas seja ela com conhecimento ou não sobre determinadas espécies, terão acesso a ele.

Por isso, “tendo em conta as características da população que irá visitar o jardim sensorial, a escolha das plantas que irão estar acessíveis requer alguns cuidados.” (CARVALHO, 2011, p. 39). Esse cuidado é necessário para que nenhum frequentador venha ter eventuais problemas ao entrar em contato com alguma espécie botânica nele presente.

Considerando isto, abaixo apresentamos orientações específicas de como montar e utilizar o jardim sensorial como ferramenta de cunho pedagógico. É necessário um local

transitável, para que todos possam ter acesso ao jardim. O espaço pode ser criado tanto de maneira tradicional como de maneira suspensa ou móvel (amostras das plantas em compartimentos separados). Vale salientar que, as espécies utilizadas na produção do Jardim Sensorial devem ser inofensivas ao contato humano, ou seja, não possuir estruturas e/ou substâncias tóxicas. (veja Tabela 1). A tabela de espécies foi estruturada através de pesquisas bibliográficas, onde foram selecionadas para sua composição as espécies mais citadas nas literaturas.

Tabela 1. Espécies botânicas viáveis para a produção do Jardim Sensorial.

	Nome popular	Nome científico	Classificação/importância	Escolha motivacional para uso didático
1.	Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Arbusto / Culinária	Olfato
2.	Alface	<i>Lactuca sativa</i>	Herbácea / Culinária	Paladar
3.	Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>	Arbusto / Medicinal	Tato/Olfato/Audição
4.	Babosa	<i>Aloe vera</i>	Herbácea / Medicinal	Tato/Audição
5.	Botão-de-ouro	<i>Melampodium butter</i>	Erva / Jardinagem	Visão
6.	Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	Herbácea / Culinária	Olfato/ Paladar
7.	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	Herbácea / Culinária	Olfato/ Paladar
8.	Crista de galo	<i>Celosia cristata</i>	Subarbusto / Jardinagem	Visão/Tato
9.	Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Herbácea / Medicinal	Olfato
10.	Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Herbácea / Medicinal	Olfato
11.	Girassol	<i>Helianthus annuus</i>	Subarbusto / Jardinagem	Visão
12.	Hortelã folha grossa	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Herbácea / Medicinal	Olfato/Tato/Audição
13.	Hortelã folha miúda	<i>Mentha villosa</i>	Herbácea / Culinária	Olfato/Paladar
14.	Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i>	Arbusto / Culinária	Olfato
15.	Morango	<i>Fragaria vesca</i>	Erva / Culinária	Paladar
16.	Onze horas	<i>Portulaca grandiflora</i>	Erva / Jardinagem	Visão
17.	Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i> var. <i>cerasiforme</i>	Arbusto / Culinária	Paladar

Fonte: organização própria

Na montagem de um jardim sensorial, não é preciso de ferramentas excepcionais, complexas ou até sofisticadas, é necessário apenas um espaço que ofereça boa visualização e acesso aos usuários, de ajuda de voluntários para organização e montagem do jardim e das espécies vegetais e materiais que serão usados como apetrechos, geralmente visuais e sonoras, para incrementar o ambiente.

“A escolha das espécies estudadas também precisa de critérios de segurança sendo desta maneira a possível criação com adequação e qualidade para um espaço pedagógico inclusivo” (SILVA & LIBANO, 2014, p. 07). É importante lembrar que, ter cautela na escolha das espécies irão integrar o jardim é indispensável, pois a segurança dos alunos está sempre em

primeiro lugar. Silva e Libano (2014) relatam que, existem alguns critérios na escolha das plantas que vão compor o jardim, nele não poderá conter plantas com óleos que causem irritação, plantas que possuam tanto partes perfurantes e/ou cortantes e também plantas com características alergênicas.

Após ser criado e está apto para uso, cabe ao educador utilizar o jardim, como suporte pedagógico, criando estratégias para a assimilação do conhecimento pelos alunos a partir desse ambiente multidisciplinar. “Através do Jardim Sensorial os conteúdos formais são mostrados ao estudante em um ambiente descontraído, e que o torna um ser participativo no processo de aprendizagem, por estimular sua curiosidade.” (BORGES & PAIVA, 2009, p. 08). A frequência de visitas ao jardim fica a critério do educador, e também de acordo com a organização das idas das turmas ao local.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais APAE, do município de Areia PB que fica localizado na Região Geográfica Imediata de Campina Grande, estando a 115km da capital do estado João Pessoa. A APAE, alvo da pesquisa, acolhe diversas deficiências e NEE, dentre elas: deficiência intelectual, deficiência visual, deficiência auditiva, autismo, síndrome de Down, paralisia cerebral, microcefalia e Cornélia de Lange, e seus usuários tem idades entre 04 a 59 anos. “Vê-se, em algumas APAEs muita clareza em seu papel e sua concepção em relação às Pessoas com Deficiência, pela forma que operam seu trabalho

na unidade.” (SALABERRY, 2008, p.47), e a Apae de Areia também tem tentado primar por estes princípios.

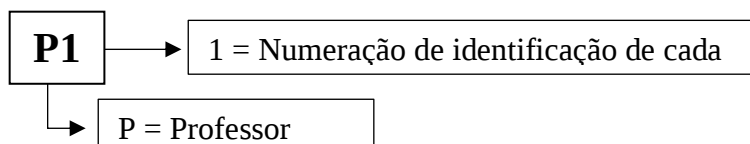
A pesquisa tem caráter qualitativo, que de acordo com Ludke e André (2011), “a pesquisa qualitativa pode assumir diversas formas, dentre as quais, a do tipo etnográfico e o estudo de caso.”. “[...] a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatísticos para a análise de dados.” (NEVES, 1996, p.01). Além de qualitativa, ela também tinha a intenção de ser uma pesquisa-ação. A qual entendemos que

Trata-se de um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (GRACES, 2010).

Todavia, a pesquisa, centrou-se exclusivamente como quali-quantitativa, em função do país está vivenciando uma pandemia de Covid-19, no momento de realização da pesquisa, o que implicou na suspensão das ações prática e de intervenções da pesquisa.

Dessa maneira, as investigações aqui realizadas tomaram como base o projeto de extensão que tem como objetivo, a utilização do Jardim Sensorial, implementado na APAE, sob as perspectivas clínica e pedagógica. As análises, a princípio, seriam realizadas em três etapas para o recolhimento de dados, entretanto por conta da pandemia do Coronavírus (Covid-19) como explicado anteriormente a execução das duas últimas etapas que seriam realizadas até a segunda quinzena do mês de março acabaram sendo canceladas por conta das suspensões das atividades da área da educação no município alvo da pesquisa. As etapas dois e três que focariam a formação docente e a observação in lócus das ações das mesmas com o jardim sensorial, foram alteradas por pesquisa bibliográfica e de produção de material como sugestão para docentes e outros profissionais que se interessem pela temática de estudos e queiram implantar um jardim sensorial como instrumento pedagógico. Para isto, a última etapa deste trabalho apresenta uma cartilha de montagem e utilização do jardim (a qual será melhor explicada a posteriori).

A primeira etapa se deu através da coleta de informações com o levantamento bibliográfico sobre o tema discutido, em seguida foi feita a visita a instituição alvo da pesquisa para a ser aplicado o questionário (Apêndice I) esquematizado de maneira semiestruturada contendo indagações que contemplam a montagem, visitação e utilização pedagógica do jardim, sendo aplicado para as professoras da instituição, 09(nove) no total, distribuídas entre os turnos da manhã e tarde. A identificação das professoras será feita através de códigos descritos da seguinte forma:



Após o recolhimento desses questionários eles foram analisados um a um e a partir das respostas das professoras. A partir dos dados coletados e reanalisados, foi criada uma cartilha (Apêndice II) didática, onde abrangeu as dúvidas dos docentes e as transformou em informações didáticas, tudo isso para servir como material complementar para capacitação que seria dada as docentes da APAE.

A cartilha contempla instruções sobre que plantas usar na criação do jardim, como criar um Jardim Sensorial Móvel e como utilizar o jardim. Mesmo com toda dificuldade de locomoção e aplicação da capacitação apresentada pelo surto do vírus, a cartilha foi entregue via e-mail à diretora da instituição para que a mesma repassasse para as professoras. Este material poderá ser utilizado pelo projeto de extensão a qual esta pesquisa está associada dando prosseguimento a formação, podendo assim a etapa dois e três serem realizadas quando possível retorno as atividades cotidianas da Apae.

Como as duas últimas etapas não puderam ser realizadas, a discussão e resultados será baseada nos questionários e na criação da cartilha. Os dados foram organizados em temáticas de estudos, os quais estão assim apresentados: Aspectos conceituais e procedimentais na percepção dos professores sobre o jardim sensorial; Correlação do trabalho pedagógico em sala com o jardim sensorial; Interação dos alunos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

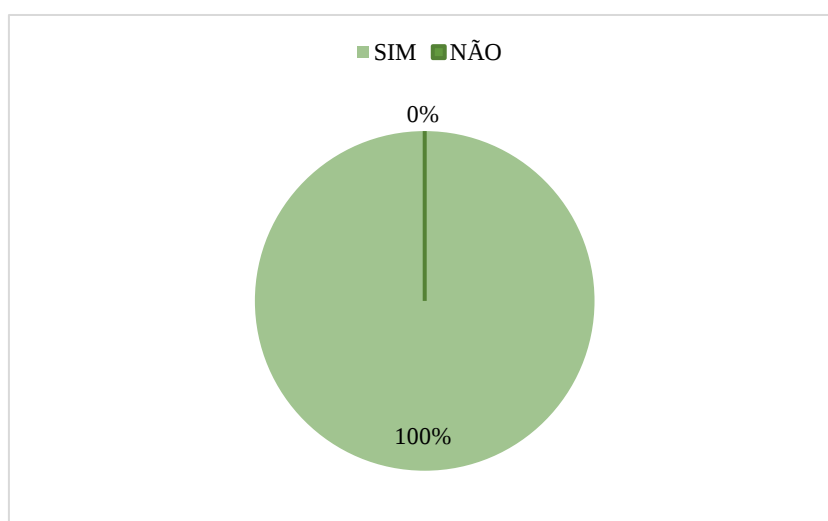
Diante das informações aqui expressas, teve-se uma noção de quão importante e positivo é o uso do Jardim sensorial para o desenvolvimento e interação das pessoas com deficiência. “Um jardim sensorial é, ao mesmo tempo, uma proposta de inclusão social, uma possibilidade terapêutica e um projeto pedagógico, além de ser jardim, como um espaço de contemplação e espaço para o convívio social.” (SILVA, 2018, p.07).

4.1 ASPECTOS CONCEITUAIS E PROCEDIMENTAIS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O JARDIM SENSORIAL.

Na APAE, o jardim sensorial é utilizado tanto no campo pedagógico quanto no clínico, e ambas as áreas possuem o mesmo objeto, o desenvolvimento da pessoa com deficiência. “Os jardins sensoriais devem oferecer uma gama de possibilidades e experiências para os usuários, melhorando as capacidades sensoriais, físicas e sociais.” (COSTA, 2019, p.30) Assim sendo, essa discussão será voltada para área pedagógica, para o qual o Jardim Sensorial é uma ferramenta que pode ser utilizado de forma didática, para trabalhar estimulando os sentidos e de maneira interdisciplinar pelos profissionais que tem acesso a ele dentro ou fora da sala de aula.

As educadoras que compõem a APAE Areia-PB, nove no total, participaram da pesquisa onde a princípio lhes foi questionado se sabiam o que era um do Jardim Sensorial. Os dados mostraram que as mesmas são unânimes em afirmar que conhece um o jardim sensorial. (Gráfico 1).

Gráfico 1. Conhecimento das educadoras sobre o Jardim Sensorial



Fonte: própria autoria

Todas, sem exceção, afirmaram saber o que era um jardim sensorial. A presença dessa ferramenta pedagógica, na instituição se dá por meio do trabalho de extensão, em

parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a coordenação da professora Dra.

Rejane Maria N. Mendonça e seus bolsistas e voluntários, de certa forma contribuíram para as afirmações das docentes. No entanto, quando foi questionado como fariam para organizar um jardim, algumas foram bem redundantes, evasivas ou bem diretas deixando a resposta da questão um tanto quanto vaga para analisarmos se realmente, as professores conhecer o que é um jardim sensorial, para o que serve ou como usá-lo. Vemos isto nas respostas abaixo:

“O jardim é organizado de forma a promover um melhor aproveitamento da atividade proposta” (P1)

“Por meio de objetos que estimulem como, visuais, sonoros e táteis.” (P2)

“Objetos sonoros, visuais e táteis” (P3), (P4) e (P5)

“Através de objetos sonoros, visuais e táteis” (P6)

“Com jogos de cores de coordenação motora tanto fina e grossa” (P9)

Através das falas observadas é possível perceber incoerência quando relacionada com a primeira questão, já que algumas professoras parecem compreender muito pouco ou nem entendem na verdade os aspectos conceituais sobre um jardim sensorial, como é o caso da P1 que fala em “aproveitamento da atividade proposta” deixando uma lacuna para interpretação sobre qual seria a atividade que escreve na questão. As demais, além de umas copiarem/reproduzirem a resposta das outras (P3, P4 e P5), o que demonstrou uma certa falta de interesse em colaborar com o desenvolvimento da pesquisa utilizaram muito a palavra “objeto” quando na verdade o Jardim é composto por elementos, que em quase totalidade por espécies vegetais selecionadas especialmente para sua criação. Os “objetos” a qual as participantes se referem são artefatos utilizados para complementarem o jardim agregando a sua funcionalidade, como por exemplo: garrafas pet’s coloridas utilizadas como limite para os canteiros, uma passarela com diversas texturas em seu percurso para estimular o sentido tátil, acessórios coloridos suspensos feito de material reciclável para auxiliar no estímulo a visão; entre outros.

As plantas e os artefatos montados em local próprio podem ser facilitadores da aprendizagem. E “os ambientes ao ar livre provocam naturalmente uma estimulação sensorial. O desafio é aumentar e realçar estes estímulos, através do uso das cores, texturas, formas de objetos, e o *layout* dos espaços externos.” (CONSTANTINO, 2010, s/p).

Enquanto isso o restante das docentes, tiveram um pouco mais de coerência em suas respostas ao responderem:

“Que eles possam sentir diferentes texturas no chão no caminho de areia, pedra, terra, pó de serra, casca de ovo enfim sensações diferentes que se reaprenda a sentir os pés.” (P7)

“Com diferentes texturas para que se desperte novas sensações e estímulos.” (P8)

A resposta da (P7) está de certa forma incompleta, mas podemos afirmar que os itens apresentados podem fazer parte do jardim sensorial, já que P7 caracteriza o jardim sensorial através de sua fala com uma passarela sensorial que é um dos artefatos complementares deste estimulante espaço educativo, permitindo estimular os sentidos através do contato com os pés nas diversas texturas existentes. Silvério (2017) corrobora com esse pensamento quando afirma que o acesso descalço ao caminho sensorial desperta múltiplas sensações no sentido que se dá prosseguimento ao trajeto e as texturas vão se modificando.

A partir das argumentações anteriores dadas pelas professoras traça-se o rumo da terceira questão que questionavam-nas sobre quais são os cuidados para se montar o jardim. Mais uma vez, as respostas apresentaram-se evasivas e repetitivas.

“Um dos principais cuidados a ser tomado e respeita a individualidade de cada aluno criando um ambiente propicio ao seu aprendizado.” (P1)

“Enfatizando a necessidade individual de cada aluno de acordo com a sua deficiência” (P2)

“Respeitando as deficiências dos alunos de acordo com suas individualidades” (P3)

“Deve-se respeita a individualidade apresentada por cada aula” (P4)

“Respeitar a individualidade que cada aluno apresente quanto a deficiência selecionando os objetos trabalhados” (P5)

“Deve-se respeitar a individualidade de cada aluno enfatizando sua deficiência.” (P6)

“Ambiente projetado pensando na individualidade respeitando as deficiências e necessidades de cada um.” (P8)

“Um lugar que todos possa usar, com jogos onde os alunos tenham alcance” (P9)

Ficou notório o uso do termo “individualidade” em quase todas as respostas dadas pelas educadoras, o que seria interessante de se considerar, ao organizar o ambiente a partir das individualidades e necessidades dos alunos. A individualidade abrange a personalidades e comportamento de cada indivíduo para integrar os grupos que moldam a sociedade. Dessa

maneira, diante das particularidades de cada pessoa, do recurso financeiro que uma APAE dispõe e o suporte e espaço disponível como a que a instituição de Areia-PB apresenta por exemplo, fica inviável criar um Jardim Sensorial que dê conta de envolver todas a individualidade de cada deficiente acolhida pela instituição de educação especial, limitando as inúmeras possibilidades pedagógicas do jardim sensorial.

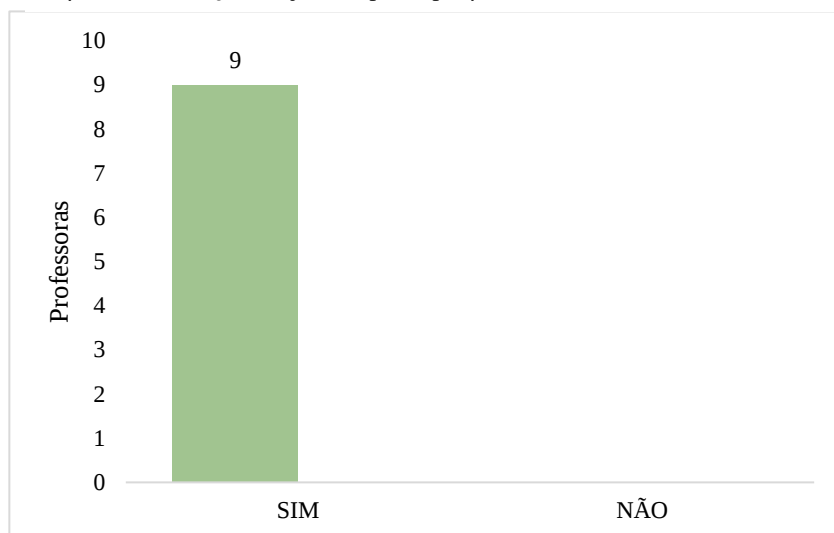
Apenas uma das professoras respondeu o questionamento de forma mais próxima a realidade e dentro das condições que a instituição possui.

“É necessário que possuem diferentes texturas e um resultado satisfatório” (P7)

A educadora conseguiu de maneira sucinta expor uma das características que o jardim deve apresentar na sua montagem, que são as texturas, que auxiliam no desenvolvimento dos sentidos táteis. Mas, embora tenham tentado responder as questões buscando criar uma relação entre as deficiências dos alunos com o conceito do jardim, elas deixaram de citar coisas essenciais como os tipos de espécies que devem ser colocadas no jardim para não prejudicar o aluno. Além de não apontarem sobre a importância do acesso para que todos tenham possibilidade de visitá-lo sem obstáculos que atrapalhem a atividade, uma vez que a Apae atende alunos com PC. É necessário que se crie meios para que todos os alunos tenham a mesma chance de participação; para isto é importante produzir e inserir artefatos variados ao jardim para que possa abranger todos os sentidos e seus devidos estímulos, entre outras coisas. Como Silva e Libano (2017) apontam “além de dispor de uma organização funcional, o espaço precisa ter boas condições de mobilidade e acessibilidade, preservando os educandos de obstáculos que possam ser perigosos e proporcionando maior autonomia” (SILVA e LIBANO, 2017, p.07).

Buscando obter ainda mais informações sobre os conhecimentos das docentes sobre o jardim sensorial, questionamos-lhes se elas já tinham utilizado o jardim disponível na instituição em que atuam, e se positivo as respostas, como elas utilizavam. E se negativo, por quais razões não usavam. Mais uma vez as respostas foram unânimes: cem por cento das participantes afirmou que utilizavam o jardim sensorial. (Gráfico 2)

Gráfico 2. Utilização do jardim pelas professoras



Fonte: própria autoria

Algumas justificativas de como elas tinham utilizado o jardim, foram um pouco mais coesas comparadas as anteriores:

“Foi utilizado em grupo, explorando o tato e a visão, estimulando ambos os dois sentidos fazendo o aluno vivenciar sensações” (P1)

“Levando eles para que possam sentir cada textura que o jardim sensorial tiver por lá.” (P7)

“Atividades coletivas explorando os sentidos” (P8)

Essas docentes conseguiram ter uma melhor percepção sobre a função do Jardim Sensorial, abordaram a questão da estimulação dos sentidos, da coletividade e consequentemente a interação entre eles. Mas a (P1) conseguiu, em comparação as demais, descrever com um pouco mais de detalhes a forma de utilização do jardim, o que nos permite afirmar que elas demonstra uma certa compreensão da finalidade desse instrumento didático em benefício dos alunos, assim como Silva explicita: “Os 5 sentidos (tato, paladar, olfato, visão e audição) são despertados pelos jardins sensoriais, os quais utilizam da metodologia no uso das texturas, o cheiro, o sabor, a imagem e o som. Esses sentidos serão aguçados de pessoa para pessoa.” (SILVA, 2018, p.03)

As demais professoras responderam de maneira incipiente, mostrando superficialidade sobre a forma de utilização feita por elas.

“Estimulando as necessidades, as áreas que precisam ser estimuladas” (P2)

“Em grupo de acordo com as atividades realizadas em sala” (P3)

“Em grupo realizando atividade de jardinagem” (P4)

“Atividades em grupo de acordo com o conteúdo visto” (P5)

“Individualmente, de acordo com a necessidade de cada aluno.” (P6)

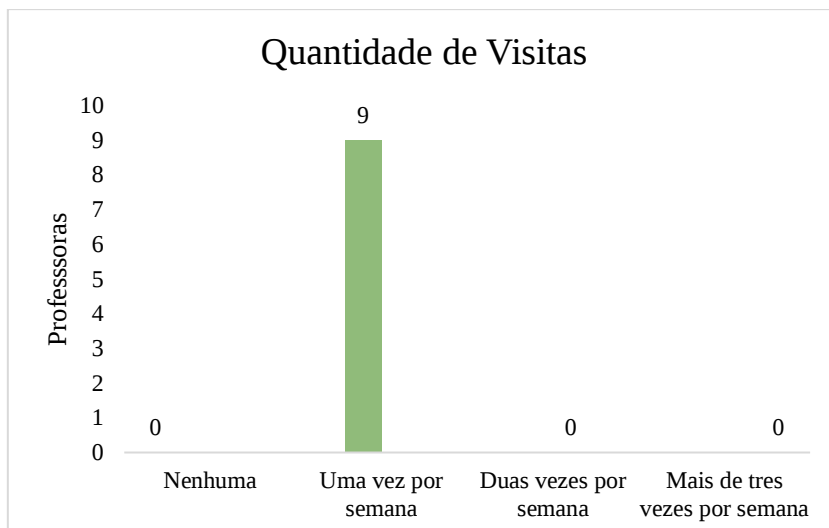
“Uma vez por semana levamos nossos alunos” (P9)

As professoras (P2) e (P9) apresentam falas superficiais e sem esclarecimentos, onde uma delas menciona “estimulando as necessidades”, mas não esclarece de fato que tipo de estimulação é essa e por que foi feita. Já as professoras (P3), (P4) e (P5) possuem respostas bem similares, entretanto ligando a ida ao Jardim com algum tipo de atividade prévia. Todavia, podemos afirmar que a visita não precisa necessariamente acontecer depois de uma atividade ou conteúdo visto em sala; esta pode ser realizada e em seguida proceder com atividades com base no jardim, ou a visita pode ser feita como recreação, para o lazer e relaxamento dos alunos. Como Ashton explica: “os Jardins Sensoriais podem ser compreendidos como espaços destinados ao lazer e ao prazer, mesclando um paradigma de sonho e realidade.” (ASHTON, 2015, p.03)

Como na quarta alternativa abordava sobre a utilização do jardim, identificamos ainda outro item importantes que era a periodicidade que elas utilizavam o jardim sensorial.

Todas as respostas afirmaram que era realizada “uma vez por semana” (Gráfico 3). O que podemos apontar pelas falas das participantes, a frequência de visitas ao jardim está adequada, e de certa forma já era esperado, já que o fluxo de alunos e o espaço disponível para a atividade de visitação na Apae de Areia é limitado para um número maior de alunos ao mesmo tempo. O que exige uma organização por parte das professoras junto à instituição para que todos possam acessar o jardim de maneira equânime, pois as possibilidades educativas que se pode fazer com o jardim são tão significativas quanto à aprendizagem e a estímulo, “principalmente, em crianças e pessoas com necessidades especiais.” (OSÓRIO, 2018, p.26)

Gráfico 3. Periodicidade de visitas ao Jardim Sensorial



Fonte: própria autoria

4.2 CORRELAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM SALA COM O JARDIM SENSORIAL

O Jardim sensorial além de espaço terapêutico, é considerado também uma importante ferramenta pedagógica contribuindo no desenvolvimento do aluno dentro e fora da sala de aula. “O Jardim Sensorial é uma atividade de cunho construtivista, pois respeita o visitante e suas ideias, prioriza o seu envolvimento e resgata os seus conhecimentos prévios a fim de auxiliar os visitantes a construírem o conhecimento científico.” (BORGES & PAIVA, 2009, p.36).

As abordagens pedagógicas realizadas a partir da visita ao jardim, além de deixar a aula mais dinâmica e flexível, acaba empolgando os educandos por ser algo diferenciado. “Não é necessário deixar de lado os conteúdos tradicionais como finalidade da educação, mas sim, ir além do nível da mera instrução em sala.” (SANTOS, 2019, p.14). Considerando os aspectos anteriormente apresentados por Borges e Paiva (2009) e Santos (2019), foi perguntado às participantes sobre a maneira que elas utilizavam o Jardim sensorial para as atividades pedagógicas, em sala de aula, com os alunos. O que pudemos constatar é a mesma linha de respostas repetitivas sem aprofundamento sobre a própria prática docente, o que nos permite afirmar a falta de reflexão sobre o próprio fazer pedagógico.

“Como uma complementação, estimulando áreas que já estão sendo trabalhadas na sala” (P2)

“Com atividades complementares diferenciadas” (P3)

“Com atividades complementares o assunto estudado e abordado em sala” (P4)

“Utilizei com atividades que complementam o assunto estudado” (P5)

“Com jogos específicos que foi trabalhado no Jardim Sensorial como complementação” (P6)

“Na visão nada melhor que cores, audição barulho de água que acalma, paladar uma fruta, tato pegar terra ou para eles andarem olfato cheiro de ervas e flores. (P7)

“De forma lúdica explorando o ambiente na medida do possível com alunos de microcefalia e pc. Os autistas exploram de forma mais intensa.” (P8)

“Através do visual e do toque, para eles ver e sentir, sabe também para que serve.” (P9)

Todavia, vale ressaltar que desta vez o termo em destaque foi “complemento”/ “complementação”, o que não está, exatamente, errado; porém elas não deixam claro que tipo de trabalho complementar se trata e o porquê está sendo feito em sala, como por exemplo, como menciona a professora (P2), (P3). (P4) e (P5) foram ainda mais sucintas, As professoras (P7) e (P8), provavelmente, não compreenderam o contexto da pergunta já que as respostas estão sem conexão com o objeto proposto para análise, embora as respostas estejam corretamente descritas sobre a finalidade do jardim no momento da visitação.

Ainda podemos dizer que as professoras (P6) e (P9) fizeram uma certa confusão na resposta não deixando claro que trabalho era feito exatamente, já que falam em “jogos” e “toque” sem esclarecer posteriormente a finalidade de tais atividades.

Os dados acima, nos põe a refletir sobre a efetiva clareza que as professoras apontaram ter no primeiro item do questionário que tratavam sobre o que é um jardim sensorial e que todas, unanimemente, afirmaram saber o que era. Podemos afirmar que dizer que sabem sobre o objeto de estudos não significa que saibam utilizar o jardim sensorial como possibilidade didático-pedagógica como Osório (2018) explicita sobre o jardim sensorial: “ressalta-se, ainda, que essa experiência sensorial estimula a curiosidade, um fator imprescindível ao ato de apreender conhecimentos.” (OSÓRIO, 2018, p. 21).

É necessário compreender e visualizar a transversalidade que o Jardim Sensorial oferece nas múltiplas práticas a se realizar dentro e fora da sala de aula, não só de maneira pontual ou como uma forma de “complementação” de conteúdo, mas de maneira integral voltada para aprendizagem do educando nas diversas disciplinas e atividades que ele tem acesso.

Ainda sobre a questão em discussão, uma das educadoras apresentou seu parecer de maneira mais elaborada a partir da utilização do jardim sensorial nas atividades em sala de aula.

“É utilizado de forma lúdica explorando cores, formas e quantidade, também fazendo uso para estímulos auditivos e visuais.” (P1)

Ela conseguiu compreender, através de sua breve resposta, a flexibilidade pedagógica que o jardim sensorial possui quando ao mencionar “explorando cores, formas e quantidade”, mostra quais trabalhos estão desenvolvidos dentro da sala de aula a partir da visita ao espaço. As cores no jardim estimulam a visão e na sala de aula podem ser trabalhadas de maneira direta utilizando os recursos do ambiente como referência; as formas e quantidade podem ser compreendidas através da morfologia das plantas e artefatos presentes no local. Isto é apontado por Osório (2018) como:

Torna-se interessante utilizar meios lúdicos e outros recursos didáticos, além dos convencionais, que instiguem o aluno, extrapolando o conteúdo da sala de aula para a vivência cotidiana. (OSÓRIO, 2018, p.27)

Na oitava questão, remetendo a pergunta que foi discutida acima, é questionado quais seriam os resultados as professoras conseguem observar no desempenho (comportamental, social e escolar) dos alunos, utilizando o jardim sensorial. Assim elas se expressaram

“Foi observado uma maior interação social, e um melhor desempenho escolar, através das atividades realizada no jardim sensorial” (P1)

“Quanto a participação em sala de aula.” (P2)

“No desempenho escolar com as atividades realizadas em sala.” (P3)

“Um melhor desempenho escolar” (P4)

“Contribuiu na aprendizagem com relação aos conteúdos na sala de aula.” (P5)

“O Jardim Sensorial auxiliou no desempenho escolar junto as atividades realizadas em sala.” (P6)

“Ajuda no desenvolvimento educacional físico e psicológico com a natureza e estimula o equilíbrio e os sentidos.” (P7)

“De início sinto os alunos que frequentam ainda com resistência. Apenas um autista percorreu o caminho com um pouco mais de entusiasmo.” (P8)

“Que eles ficam mais concentrados tem também o cuidado um com o outro, fazem as atividades juntos.” (P9)

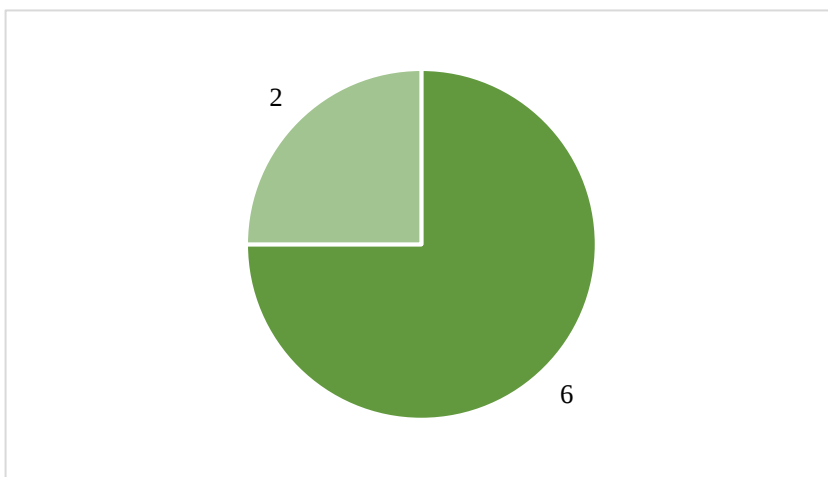
Mesmo com respostas breves, as professoras conseguiram destacar pontos positivos sobre a aprendizagem dos educandos, no tocante aos objetivos educacionais que o Jardim sensorial permite desenvolver. Dentre os resultados apontados pelas participantes, a maioria

das professoras citam o “desempenho escolar” como fator resultante da utilização do jardim; provavelmente isso se deve ao fato delas estarem mais vinculadas a essa área educativa. Todavia, devemos apontar que resultados em relação ao comportamento, a interação social, a autopercepção e outros também fazem parte dos aspectos educacionais e que muitas vezes os docentes não atentam no fazer educacional.

“A busca por um caminho que proporcione uma maior interação entre o conhecimento pode gerar estratégias e propostas de atividades que viabilizem uma relação entre o conteúdo lecionado e o conhecimento a ser adquirido pelos alunos.” (SANTOS, 2019, p. 44). Além dessa observação feita pela maioria, as professoras (P1) e (P9) acrescentam ainda a interação deles com os demais, o que favorece o trabalho em grupo, a preocupação deles uns com os outros, despertando os sentimentos de coletividade, confiança, serenidade o que auxilia na parte comportamental deixando-os menos inquietos. Isto já era apontado por Matos et al. (2013) ao afirmarem que “a diversidade, a constante renovação e a multissensorialidade oferecida por esses espaços levam os pacientes, crianças, adolescentes e adultos a uma busca constante de novas interações, estimulando os desenvolvimentos físicos, mentais e espirituais.” (MATOS et. al., 2013, p. 144). De acordo com a professora (P8) alguns alunos apresentam “resistência”, porém, ela não deixa claro o motivo e nem que deficiência esse aluno possui; mas é necessário a persistência e paciência da educadora para tentar reverter esse quadro.

O questionamento seguinte foi mais direto em relação às dificuldades sobre o fazer pedagógico com jardim sensorial. Das nove professoras apenas duas afirmaram não ter dificuldades para trabalhar com o jardim, as outras seis educadoras apresentaram as seguintes dificuldades para a utilização do jardim sensorial (Gráfico 4):

Gráfico 4. Dificuldade das educadoras para trabalhar com jardim.



Fonte: própria autoria

“A falta de mais jogos, e material pedagógico para um melhor desempenho nas atividades a serem realizadas.” (P1)

“Alguns alunos autistas tiveram resistência devido ao contato tátil. É preciso de mais recursos.” (P2)

“É difícil trabalhar com o grupo, devido as individualidades de cada um.” (P3)

“Falta de materiais para um melhor aproveitamento das atividades” (P4)

“As dificuldades foi trabalhar em grupo devido a individualidade de cada um.” (P5)

“A dificuldade encontrada é a falta de material para trabalhar com os alunos.” (P6)

“Acessibilidade” (P8)

As professoras (P1), (P4) e (P6) mencionam a falta de materiais pedagógico e jogos, no entanto, esses recursos podem e devem ser criados pelas próprias docentes, levando em conta a necessidade educativa de seus alunos, já que possuem uma maior vivência com eles. Caso tenham dificuldade na criação de jogos e materiais, elas podem recorrer a coordenação do projeto de extensão universitária e aos voluntários que trabalharam na implantação do jardim sensorial na Apae. Não foi possível captar dados dos extensionistas, devido aos problemas apresentados por causa da pandemia Covid – 19 que o Brasil estava enfrentando. Sendo assim, não constatamos se isto foi ou não apresentado como dificuldade aos mentores do projeto de extensão.

Ainda sobre as dificuldades, as professoras (P3) e (P5) citam a “individualidade” como obstáculo, mas elas na questão três ao falar sobre os cuidados para a montagem do jardim colocaram como prioridade a individualidade dos alunos. Todavia, agora acreditam ser uma dificuldade no momento de trabalhar, o que se torna um tanto quanto contraditório sobre o seu próprio fazer pedagógico. É fato que realizar atividades em grupo com pessoas deficientes é trabalhoso e exige paciência e uma certa habilidade em identificar o que os alunos tem por interesse e habilidade para assim aproveitar e planejar o fazer docente. Só que se for considerar pontualmente a individualidade de cada aluno no momento de se trabalhar com o jardim, essa

tarefa pode se tornar mais complicada e extensa, já que dentro de uma sala de aula não existe um único tipo de deficiência e se existir, nem todos possuem o mesmo grau de deficiência, pois os indivíduos são singulares e capazes de aprender se for oportunizado práticas inclusivas atentando as áreas específicas dos sujeitos (Stainback e Stainback, 2001). Assim a atividade feita visando respeitar as individualidades poderá desencadear uma certa agitação e ansiedade nos alunos atrapalhando o procedimento pedagógico, mas pensar em individualidade, não significa que tenha que ser uma atividade para cada sujeito e sim com objetivos específicos para cada sujeito. Assim, saímos da individualidade para a coletividade, pois “o jardim reflete também o coletivo, a sensibilidade dominante em uma geração, uma época[...]” (SILVÉRIO, 2017, p.04) em que os alunos estão.

A professora (P8) tocou num ponto importante que é a acessibilidade. Embora seja uma ferramenta para pessoas com deficiência, nem sempre o local disponível onde o jardim foi implantado garante o acesso igualitário a todos os deficientes, dessa maneira foi pensado o Jardim móvel, como mencionado na metodologia, para que todos tenham a possibilidade de interagir com as espécies vegetais presentes nele de maneira mais prática. “Este recurso garante o livre acesso a todos que queiram tocar as espécies com facilidade.” (MATOS et al., 2013, p.143) Este aspecto sobre o jardim móvel não foi apontado pelas participantes.

E finalmente, sobre os aspectos pedagógicos, foi perguntado o que precisaria melhorar no jardim. As respostas desse questionamento foram bem parecidas com as da questão anterior, demonstrando novamente a não reflexão das participantes ao responderem o questionário:

“É necessário mais material sonoro, auditivos e visuais e pedagógicos para melhor estimulação dos alunos.” (P1)

“A parte pedagógica precisa ser mais ampliada” (P2)

“Acrescentar mais materiais pedagógicos que possa ser utilizado por todos.” (P3)

“Precisa de mais materiais para complementação das atividades pedagógicas, jogos.” (P4)

“Melhorar a complementação com objetos pedagógicos” (P5)

“Precisa melhorar o pedagógico através de jogos para facilitar a aprendizagem dos alunos.” (P6)

“Nada” (P7)

“Uma melhor acessibilidade para os cadeirantes e crianças com anomalias em membros superiores.” (P8)

“Ter mais jogos onde eles possam aprender e jogar ao mesmo tempo.” (P9)

Embora as respostas tenham sido similares as anteriores, o que chamou atenção foi o fato de algumas professoras como a (P1), (P2), (P3), (P4), (P5), (P6) e (P9) indicarem os jogos e a parte “pedagógica” para melhoria; sendo que a parte pedagógica são elas mesmas as responsáveis pelo fazer pedagógico. Então questionamos: será que as participantes esperaram que o jardim sensorial seja unicamente de responsabilidade dos extensionista universitários? Em nosso entendimento, nesse caso, o que seria mais pertinente a se fazer eram elas pedirem orientação à equipe que implantou o jardim sensorial, na APAE; buscando compreender e identificar quais seriam os materiais (atividades e jogos) pedagógicos elas poderiam elaborar, para que se tenha um melhor aproveitamento do espaço.

O que observamos é que as professoras conhecem sobre a importância de um jardim sensorial, mas não sabe como utilizarem. Como Spazziani e Oliveira (2014) apontam: “Os espaços dentro de uma escola podem ser utilizados de diversas maneiras, mas nem sempre são plenamente aproveitados de acordo com o potencial pedagógico que possuem.” (SPAZZIANI & OLIVEIRA, 2014, p.10315).

A professora (P7) alegou que o espaço não precisa de nenhuma melhora enquanto a professora (P8) mais uma vez destaca a questão da acessibilidade e como já foi mencionado acima, será necessário adaptar o espaço com a utilização de um jardim móvel confeccionado em uma bandeja com vários mini vasos dentro portando mudas das mesmas espécies do jardim fixo. Essa bandeja poderá ser colocada no colo dos cadeirantes ou ficar disponível para os deficientes que não puderem ou não quiserem acessar o jardim. “[...]os jardins podem gerar um espaço de ensino e atuar como uma ferramenta didática, possibilitando uma relação de ensino-aprendizagem entre os alunos e as espécies cultivadas.” (SANTOS, 2019, p. 17).

4.3 INTERAÇÃO DOS ALUNOS

Algumas deficientes apresentam certa resistência quando se trata de contatos mais próximos, de mudança de sua rotina, em participar de atividades em grupo, o que torna obstáculo para a socialização. Mas é com o intuito de tentar reverter esses quadros que o Jardim Sensorial foi criado. Pois o “[...]papel de um jardim sensorial em um espaço não formal para o ensino transcende o espaço terapêutico e educacional, tendo um forte papel na inclusão social de pessoas que apresentam deficiências.” (PATREZE et. al., 2014, p. 43).

Trabalhar a interação entre os alunos com deficiência e deles com um espaço novo e desconhecido como é o jardim sensorial pode ser algo leve e prazeroso como também pode ser

algo que exija delicadeza e persistência. “A complexidade do ato de interagir está em estabelecer o vínculo entre aqueles que interagem e fatores que permeiam o ato inconscientemente.” (SALERNO, 2009, p.60).

Sendo assim, a questão sete do questionário indagava, especificamente, sobre a forma que os alunos interagiam com o Jardim sensorial da APAE. A maioria das professoras apontaram:

“Interagir com o ambiente estimulando todos os sentidos: visão, tato, olfato, audição.” (P1)

“De maneira bastante interativa; desperta bastante o interesse deles.” (P2)

“De forma participativa e interesse” (P3)

“Demonstram interesse e participação na atividade proposta.” (P4)

“Participaram bem das atividades de forma satisfatória” (P5)

“Interagem de forma participativa com desempenho satisfatório.” (P6)

“Com o jardim sensorial os alunos interagem com harmonia e serve como uma terapia e acalma eles.” (P7)

“Através de órgãos do sentido” (P8)

“Eles amam fazer atividade no jardim gostam de fazer também jogos e agoar.” (P9)

As professoras se mostraram meio confusas em suas respostas já que (P1) e (P8) citam o objetivo do jardim de despertar os sentidos como interação. Enquanto a (P2) é, de certa forma, redundante; além de não ser específica sobre o questionamento. As professoras (P3), (P4), (P5) e (P6) trazem basicamente as mesmas respostas, são breves, mas enfatizam que eles interagem de maneira “participativa” e “satisfatória”, o que é excelente, e demonstram os alunos apresentam “interesse” na atividade.

Enquanto (P7) conseguiu de maneira simples observar além do usual. Ela identificou o comportamento dos alunos ao entrar em contato com o jardim, a maneira que ficam ou se sentem. Na fala da educadora, um dos objetivos do jardim foi alcançado, que é o de trazer equilíbrio aos educandos. E por fim a professora (P9) também destaca o comportamento deles ao mencionar que além de apreciarem o espaço eles também interagem diretamente no cuidado do ambiente; o que em nosso entendimento, é extremamente positivo. Essa questão do cuidado com o jardim também pode e deve ser colocada como atividades, tanto terapêutica pela calma que passa aos usuários do jardim sensorial quanto pedagógica pelo conhecimento ligado a

natureza que ele proporciona. “Além das recordações, ao terem sua percepção sensorial estimulada, os participantes se sentem envolvidos na atividade e sua curiosidade é aguçada, fazendo com que se interessem pela atividade e participem dela.” (BORGES & PAIVA, 2019, p. 37).

O que podemos concluir é que, as professoras precisam, urgentemente, de formação docente sobre a utilização do jardim sensorial para o melhor aproveitamento do mesmo, assim como a plena utilização do mesmo para além da visitação. Para isto, sugerimos que as participantes tenham acesso não só a Cartilha sobre jardim sensorial, que foi produzida neste Trabalho de conclusão de curso e que encontra-se como apêndice; mas que elas possam ter vivências pedagógicas de como planejar e executar ações pedagógicas inclusivas, objetivando a aprendizagem individual e coletiva além dos conteúdos escolares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao que foi discutido, ficou claro a importância que o Jardim Sensorial tem na vida cotidiana e escolar das pessoas com deficiência e N.E.E, é uma ferramenta que além de cumprir seu objetivo usual na estimulação dos sentidos, ela leva o educando a outros patamares, como o próprio redescobrimento no resgate de si e a própria percepção. Além de ser um mecanismo terapêutico ele é também uma excelente ferramenta pedagógica que contribui na busca e construção do conhecimento dos envolvidos. O jardim sensorial da APAE Areia-PB, é um instrumento didático ativo dentro da instituição, onde todas as educadoras já usufruíram de

seus atributos, obviamente, junto de seus alunos, para que tivessem a oportunidade de experimentar esse ambiente de maneira dinâmica.

Embora elas afirmem saber o que é um Jardim Sensorial, a maioria apresenta dificuldades ao tentar organizar o espaço na teoria e tem dificuldade de distinguir em seu discurso os elementos naturais e artificiais que compõem do jardim. Sobre como montar elas foram bem sucintas em suas alegações deixando de lados os cuidados essenciais na montagem como a escolha do ambiente onde o espaço será instalado e as espécies que irão compor o jardim, sendo essas alguns dos principais cuidados com o espaço, já que estão lidando com pessoas com deficiência as quais requer uma atenção maior. Dessa forma, espécies vegetais que não apresentem riscos aos visitantes e um espaço que proporcione o acesso de todos ou de quase todos é primordial.

A utilização do jardim na instituição vem sendo feita regularmente, onde todas docentes afirmaram frequentar o espaço pelo menos uma vez por semana para reforçar atividades realizadas dentro da sala. No entanto, como já foi dito mais acima, essa utilização do ambiente pode ser feita antes e realizar as atividades pedagógicas em seguida, a interdisciplinaridade viabiliza essa conduta. Alguns objetivos do espaço, como trabalho coletivo e a interatividade dos alunos, além da estimulação dos sentidos, também foram alcançados de modo satisfatório de acordo com o relato das docentes.

Quanto à interação e à socialização de pessoas com deficiência é algo importante e se faz necessário para que eles consigam quebrar a barreira que muitas vezes a deficiência e a própria sociedade impõe e assim possam fazer parte do coletivo da maneira mais participativa possível.

Embora tenham sido mencionados pontos positivos sobre a utilização do jardim na maioria dos relatos das docentes, em contrapartida, afirmou ter dificuldades ao se trabalhar com ele. Porém as dificuldades apresentadas condizem com fazer docente desempenhado por elas, já que o maior obstáculo citado foram as atividades de cunho pedagógico. Esse contratempo acaba se tornando um *feedback* para a equipe de colaboradores responsável por implantarem o jardim, para que seja reavaliado e investindo na formação docente para que se possa ter mais êxito na utilização do jardim sensorial, beneficiando os usuários do espaço.

De maneira geral, o objetivo do jardim está sendo alcançado, a cada visita proporcionada pelas professoras, a cada atividade realizada pelos alunos e a cada estudo ocorrido no espaço. É necessário apenas alguns ajustes, em ocasiões pontuais, para que assim ele atinja o máximo de aproveitamento tanto direto quanto indiretamente. Acreditamos ainda que se a capacitação e a observação da prática, inicialmente previsto na execução desta

pesquisa, e que não foi possível se realizar devido a pandemia de Covid-19, no país, os resultados poderiam ter sido diferentes e mais enriquecidos em relação às lacunas apontadas pelas educadoras. Todavia, este contratempo pode indicar a possibilidade de outros pesquisadores atuarem e colaborarem com as ações de extensão oferecidas pela UFPB, dando continuidade ao processo de implantação e melhorias no jardim sensorial. Vale salientar que essa pesquisa também pode ser aplicada em escolas de ensino regular tanto em apoio as pessoas com deficiência ou N.E.E, quanto como forma de fomentar os estudos referentes a natureza.

5.1 PALAVRAS FINAIS

E para finalizar gostaria de externar minha satisfação em desenvolver esse trabalho na APAE, embora não tenha sido aplicado como esperado por conta de alguns episódios inesperados, mas a oportunidade de se trabalhar nessa área contribuiu ainda mais para meu crescimento enquanto ser humano e mais ainda na minha formação como educadora. O trabalho além de desconstruir barreiras sobre as deficiências, fez-me querer trilhar um caminho para estudos mais aprofundados na área e dar continuidade em uma possível pós-graduação. Contribuir na construção de uma sociedade inclusiva é responsabilidade de todos.

REFERÊNCIAS

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 28 jan. 2020.

_____. Ministério da Educação. Declaração de Salamanca : recomendações para a construção de uma escola inclusiva / Coordenação geral: SEESP/MEC ; organização: Maria Salete Fábio Aranha. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.

AGUIAR, Vinicius Ramon; FERREIRA, José Natanael. Os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016, e a inclusão social de pessoas com deficiência. [s.l.: s.n.].

APAE Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Disponível em: <https://www.apae.com.br/>. Acesso em: 28/02/2020.

ASHTON, Mary Sandra Guerra; SCHNEIDER, Ana Cristina; ZOTTIS, Alexandra Marcela; GARCIA, Roslaine Kovalczuck de Oliveira. Jardim sensorial–turismo: um espaço para todos. Revista Conhecimento Online, [s.l.]. v. 1, 2015.

BARROSO, Naedja Pereira; CRUZ, Alessandra Danielly; SILVA, Ana Regina Carinhonha; BRANDÃO, Thamirys Arielly. A defesa dos direitos da pessoa com deficiência e o papel das APAEs. [s.l.]. Campina Grande, PB, 2016.

BORGES, Thaís Alves; PAIVA, Selma Ribeiro de. Utilização do jardim sensorial como recurso didático. Revista Metáfora Educacional, n. 7, [s.l.] 2009. 27-39 p.

BRANDENBURG, Laude Erandi; LÜKMEIER, Cristina. A história da Inclusão x Exclusão Social na perspectiva da Educação Inclusiva. In: Anais do Congresso Estadual de Teologia., [s.l.]. São Leopoldo, RS, 2013. 175-186 p.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 26 jan. 2020.

CARVALHO, Carla Susana Pinheiro de. O jardim sensorial. Tese de Doutorado. Escola Superior de Educação de Lisboa. [s.l.] 2011.

CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda de; MARQUES, Antônio Luiz. A diversidade através da história: a inserção no trabalho de pessoas com deficiência. Organizações & Sociedade, v. 14, n. 41, [s.l.], 2007. 59-78 p.

CLEMENTE, Carlos Aparício. Lei de cotas para trabalho de pessoas com deficiência: análise e fundamentação dos principais argumentos favoráveis e contrários ao seu cumprimento. Trabalho de Conclusão de Curso (Programa de Formação em Ciências do Trabalho–Graduação)–Escola DIEESE, São Paulo, SP. 2015.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. Jardins educativos e terapêuticos como fatores de qualidade de vida urbana. In: Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado, Sustentável. [s.l.] 2010.

CORRÊA, Érico Kunde. Uma proposta de cooperação entre instituições de ensino visando à inclusão. Cuiabá, MT. 2009. 44 p.

COSTA, Douglas Rodrigo da. Paisagismo sensorial: o uso dos sentidos em propostas de paisagismo. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dois Vizinhos, PR. 2019. 83 p.

DAXENBERGER, Ana Cristina Silva; SANTOS, Dalvani Brito dos. APAE de Areia/PB: Um estudo histórico sobre sua importância para a comunidade. Revista Educação Inclusiva, v. 2, n. 1, Campina Grande, PB. 2018. 22-34 p.

FERNANDES, Lorena Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. Revista InCantare, v.2, Curitiba, PR. 2014. 132 –144 p.

FIDELIS, Beatriz de Souza; MIKI, Pérsida da Silva Ribeiro. História da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais em Manaus–APAE, Boa Vista, RO. 2017. 02-10 p.

GARCES, Solange Beatriz Billig. Classificação e tipos de pesquisas. Universidade de Cruz Alta–Unicruz, 2010.

GARCIA, Vinícius Gaspar et al. Pessoas com deficiência e o mercado de trabalho - histórico e contexto contemporâneo. Campinas, SP. [s.n]. 2010. 199 p.

GUIMARÃES, Vaniely Corrêa Barbosa; FERNANDES, Daniel dos Santos. Grupo de carimbó da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE: a dança como fator de inclusão social. Nova Revista Amazônica, v. 6, n. 4, 2018. 241-248 p.
LIMA, Daniela Bonzanini de; GARCIA, Rosane Nunes. Uma investigação sobre a importância das aulas práticas de Biologia no Ensino Médio. Cadernos do Aplicação, v. 24, n. 1, Porto Alegre, RS. 2011.

LOPES, Laís Vanessa Carvalho de Figueirêdo et al. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, seu Protocolo Facultativo e a Acessibilidade. 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Em Aberto, v. 5, n. 31, São Paulo, SP. 2011.

MATOS, Marcos Araújo de; GABRIEL, José Luiz Chiaradia; BICUDO, Luiz Roberto Hernandez. Projeto e construção de jardim sensorial no jardim botânico do IBB/UNESP,. Revista Ciência em Extensão, v. 9, n. 2, Botucatu, SP. 2013. 141-151 p.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. História, deficiência e educação especial. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 15, 2004. 01-07 p.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, SP, v. 1, n. 3, 1996. 01-05 p.

OSORIO, Maria Gabriela Waiszczyk et al. O Jardim Sensorial como instrumento para Educação Ambiental, Inclusão e Formação Humana. Florianópolis, SC. 2018. 69 p.

PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto; ALVES, Vera Lucia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social. Acta fisiátrica, v. 14, n. 4, [s.n] 2007. 242-248 p.

PATREZE, Camila Maistro; PERNAS, Juliana Weingärtner; GARCIA, Thiago da Silva. Adequação do Jardim Didático e Evolutivo da UNIRIO para ações inclusivas: aspectos sensoriais para pessoas com deficiência visual. Instituto Benjamin Constant Práticas Pedagógicas no Cotidiano Escolar: desafios e diversidade, Rio de Janeiro, RJ. 2014. 36-46. p.

SALABERRY, Neusa T. Machado. A APAE educadora: na prática de uma unidade da APAE de Porto Alegre. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008. 132 p.

SALERNO, Marina Brasiliano et al. Interação entre alunos com e sem deficiência na educação física escolar: validação de instrumento. Campinas, SP. 2009.

SANTOS, Leonardo Lima dos. O jardim itinerante como instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem de botânica no ensino médio. Trabalho de Conclusão de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ. 2019. 54 p.

SILVA, Adriane Giugni da et al. A educação profissional de pessoas com deficiência mental: a história da relação educação especial/trabalho na APAE-SP. Campinas, SP. 2000. 263 p.

SILVA, Bruno Ferreira da et al. A importância dos jardins sensoriais para o processo de ensino-aprendizagem na educação de pessoas com deficiência na APAE/Areia-PB. Areia, PB. 2018. 53 p.

SILVA, Moisés de Oliveira Cintra; LIBANO, Andréa. Botânica para os sentidos: preposição de plantas para elaboração de um jardim sensorial. Brasília, DF. 2014.

SILVA, Nilson Tadeu Reis Campos. Entre Hefesto e Procusto a condição das pessoas com deficiência. *Argumenta Journal Law*, v. 12, n. 12, 2010 99-130 p.

SILVÉRIO, Paulo Henrique Brasileiro. Jardim Sensorial da UFJF, um espaço de terapia e conscientização. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, PGECOL. UFJF. Juiz de Fora, MG. 2017. 79 p.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes; OLIVEIRA, Sergio Leandro de. Jardim sensorial: transformação do espaço escolar e atividades educadoras ambientais na escola. In: Congresso Nacional de Formação de Professores. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2014. 10314-10323 p.

STAINBACK, W. e STAINBACK, s. Inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Agrárias – Areia PB
Departamento de Ciências Fundamentais e Sociais
Discente: Mércia Inara Rodrigues de Farias
Orientadora: Ana Cristina Silva Daxenberger



QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Este questionário tem o objetivo coletar dados para o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC que trata da Utilização pedagógica do Jardim Sensorial na APAE. Peço sua colaboração para responder as questões e enriquecer, por conseguinte, os dados do presente estudo. Os resultados aqui dispostos serão utilizados unicamente para esta pesquisa e sua identidade será preservada.

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

Idade dos alunos: _____

Público que atua: _____

1. Você sabe o que é um Jardim Sensorial?

SIM ()

NÃO ()

2. Como você organiza um Jardim Sensorial?

3. Quais são os cuidados essenciais para a montagem do Jardim sensorial?

4. Na APAE já existe um Jardim Sensorial, você já utilizou?

() Sim. Como utilizou?

() Não. Porque não utilizou?

5. Como você utiliza o Jardim Sensorial para as atividades pedagógicas em sala de aula com seus alunos especiais?

6. Com qual periodicidade que você usa o Jardim Sensorial?

() Nenhuma

() Duas vezes por semana

() Uma vez por semana

() Mais de três vezes por semana

7. Como que os alunos interagem com esse Jardim Sensorial?

8. Quais os resultados que você consegue observar utilizando o Jardim Sensorial no desempenho (comportamental, social e escolar) desses alunos?

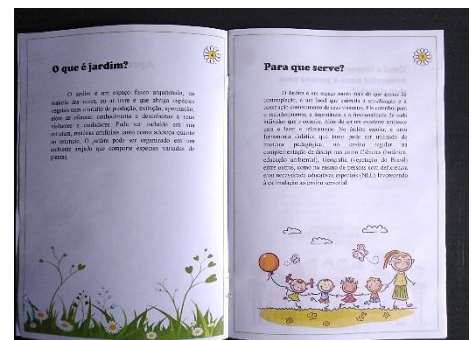
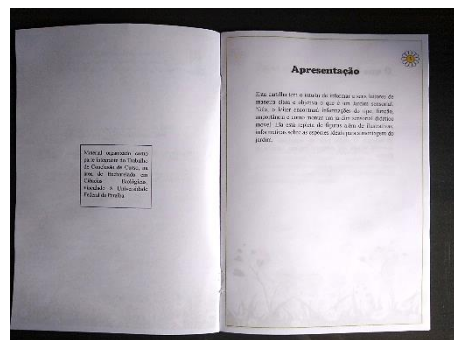
9. Você encontrou dificuldades para trabalhar com Jardim Sensorial? Como descreve as dificuldades?

() Sim () Não

10. O que precisa melhorar no Jardim sensorial da APAE?

Obrigada pela colaboração!

APÊNDICE B – CARTILHA





Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Agrárias – Campos II
Departamento de Ciências Fundamentais e Sociais



Montagem e manutenção de um Jardim Sensorial móvel

Mércia Inara Rodrigues de Farias

Profa. Orientadora Dra. Ana Cristina Silva Daxenberger

Areia PB
2020



Material organizado como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, na área de Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculado à Universidade Federal da Paraíba.



Apresentação

Esta cartilha tem o intuito de informar a seus leitores de maneira clara e objetiva o que é um Jardim sensorial. Nela, o leitor encontrará informações do tipo, função, importância e como montar um jardim sensorial didático móvel. Ela está repleta de figuras além de ilustrativas, informativas sobre as espécies ideais para a montagem do jardim.

O que é jardim?

O jardim é um espaço físico arquitetado, na maioria das vezes, ao ar livre e que abriga espécies vegetais com o intuito de produção, exibição, apreciação, além de oferecer conhecimento e descobertas a seus visitantes e cuidadores. Pode ser incluído em sua estrutura, matérias artificiais tanto como adereço quanto ao estímulo. O jardim pode ser organizado em um ambiente arejado que comporte espécies variadas de plantas.



Para que serve?

O Jardim é um espaço muito mais do que apenas de contemplação, é um local que estimula à socialização e à construção conhecimento de seus visitantes. Ele contribui para o reconhecimento, a importância e a funcionalidade de cada indivíduo que o compõe. Além de ser um excelente ambiente para o lazer e relaxamento. No âmbito escolar, é uma ferramenta didática que tanto pode ser utilizado de maneira pedagógica, no ensino regular na complementação de disciplinas como Ciências (botânica, educação ambiental), Geografia (vegetação do Brasil) entre outros, como no ensino de pessoas com deficiência e/ou necessidade educativas especiais (NEE) favorecendo à estimulação ao ensino sensorial.



Qual a importância do Jardim sensorial para a pessoa com deficiência?

O Jardim sensorial utilizado por pessoas com deficiência é uma ferramenta extremamente importante tanto na perspectiva clínica, quanto na pedagógica, que além de relaxante, se utilizado de maneira correta, auxilia na interação dos educandos, estimulação dos sentidos (tato, olfato paladar, visão e audição) e trabalhado transversalmente pode contribuir com as ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula a partir das percepções que os educandos tiveram no contato com o ambiente sensorial.



Como montar?

É necessário primeiramente um local amplo, arejado e que seja transitável, para que todos possam ter acesso ao jardim. O espaço pode ser criado tanto de maneira tradicional como de maneira suspensa ou móvel (amostras das plantas em compartimentos separados).

- ❖ É importante utilizar espécies que não causem danos à saúde do usuário, plantas sem espinhos, toxinas ou estruturas que causem irritação à pele ou às mucosas.
- ❖ Após a escolha das espécies, a montagem deve ser feita de maneira mais simples e clara possível, proporcionando ao usuário praticidade no momento do contato e reconhecimento do vegetal.
- ❖ O jardim pode ser organizado de maneira que as plantas estejam agrupadas de acordo com cada sentido do usuário.
- ❖ Pode ser produzido também uma passarela que desperte os sentidos do visitante.
- ❖ Utilizar materiais artificiais e recicláveis para incrementar o jardim, também é válido.



Jardim Sensorial móvel

O Jardim Sensorial móvel é uma alternativa para os deficientes físicos que fazem uso de equipamentos que auxiliam sua mobilidade, mas que ao mesmo tempo venha dificultar seu trânsito no percurso do jardim. Ele pode ser feito com materiais recicláveis ou descartáveis.

- ❖ É necessária uma bandeja ou caixa rasa que sirva de base para a montagem do jardim;
- ❖ Recipientes semelhantes a vasos para o cultivo das espécies;
- ❖ Amostras das espécies do jardim fixo, pedras, terra e/ou adubo;
- ❖ Areia para apoiar, segurar e manter a umidade dos vegetais;



Que tipos de plantas melhor selecionar?

	Nome popular	Nome científico	Frete característica	Escolha motivacional para uso didático
1.	Hortelã folha miúda	<i>Mentha villosa</i>	Herbácea / Culinária	Olfato/Paladar
2.	Hortelã folha grossa	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Herbácea / Medicinal	Olfato/Tato/Audição
3.	Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Arbusto / Culinária	Olfato
4.	Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>	Arbusto / Culinária	Olfato
5.	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	Herbácea / Culinária	Olfato/ Paladar
6.	Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	Herbácea / Culinária	Olfato/ Paladar
7.	Alface	<i>Lactuca sativa</i>	Herbácea / Culinária	Paladar
8.	Tomate	<i>Solanum lycopersicum var. cerasiforme</i>	Arbusto / Culinária	Paladar
9.	Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Herbácea / Medicinal	Olfato
10.	Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Herbácea / Medicinal	Olfato
11.	Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>	Arbusto / Medicinal	Tato/Olfato/Audição
12.	Morango	<i>Fragaria vesca</i>	Erva / Culinária	Paladar
13.	Girassol	<i>Helianthus annuus</i>	Subarbusto / Jardinagem	Visão
14.	Botão-de-ouro	<i>Melampodium butter</i>	Erva / Jardinagem	Visão
15.	Onze horas	<i>Portulaca grandiflora</i>	Erva / Jardinagem	Visão
16.	Crista de galo	<i>Celosia cristata</i>	Subarbusto / Jardinagem	Visão/Tato
17.	Babosa	<i>Aloe vera</i>	Herbácea / Medicinal	Tato/Audição



Artefatos complementares do Jardim

Os artefatos são objetos auxiliares produzidos através de materiais artificiais e/ou recicláveis utilizados para compor o jardim. Eles são excelentes estimuladores visuais e auditivos. Podem ser colocados no percurso do jardim ou nas áreas específicas para o estímulo do sentido visual e auditivo. Podem ser utilizados garrafas pets ou de vidro, tampinhas de garrafa, utensílios descartáveis, pneus entre outros.

Fotos

- **Táteis:**



Hortelã folha grossa



Alfavaca



Crista de Galo



Babosa

- **Visuais:**



Girassol



Onze horas



Botão-de-ouro

- **Olfativas:**



Hortelã folha miúda



Alecrim



Manjerição



Erva Doce



Erva Cidreira



- **Gustativas**



Coentro



Cebolinha



Alface



Tomate



Morango

- **Artefatos**

Canteiros com
garrafa pet coloridasAcessórios para
estimular a audiçãoPassarela sensorial
com diversas texturas

Como usar?



O jardim sensorial é um recuso didático utilizado para além de reforçar e/ou complementar o aprendizado do educando, também proporcionar momentos de relaxamento e lazer, principalmente, para pessoas com deficiência e NEE. O jardim pode ser utilizado quantas vezes o educador achar necessário e/ou de acordo com o combinado feito entre os educadores das demais turmas.

- ❖ Com ajuda de outro profissional, levar a turma em pequenos grupos para interagir com o jardim,
- ❖ Estimulá-los a sentir as espécies vegetais de acordo com o sentido que ela desperta.
- ❖ Utilizar a visita do jardim de maneira transversal para a execução de outras atividades pedagógicas dentro da sala de aula.
- ❖ Usá-lo também como lazer, num momento de descanso e descontração dos alunos.



Utilização do jardim sensorial como recurso didático. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3664650>

Jardim Sensorial da UFJF, um espaço de terapia e conscientização. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5444/1/paulohenriquebrasileirosilverio.pdf>

A importância dos jardins sensoriais para o processo de ensino-aprendizagem na educação de pessoas com deficiência na APAE/Areia-PB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14771>

Botânica para os sentidos: preposição de plantas para elaboração de um jardim sensorial. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/6439>.

Jardim sensorial: uma proposta para crianças deficientes visuais. Disponível em: <https://ornamentalhorticulture.emnuvens.com.br/rbho/article/view/211>



Sugestões de Vídeos

Conheça o Projeto Jardim Sensorial Itinerante. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=-ChwyOUCfO4>

PROJETO JARDIM SENSORIAL. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=jVQ8V71XIrA>

Jardim Sensorial Inclusivo na escola João Costa. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=aDCvTHQkdiM>

Jardim Sensorial da UFJF. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=kQDTkpIjkfA>

Reportagem Jardim Sensorial – Mosaico. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=_2jybFmlnyQ

Para os cinco sentidos: escola municipal inaugura jardim sensorial. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=QQ_B2T46llg

Jardim sensorial recebe pessoas com deficiência. Disponível em:
<https://videos.bol.uol.com.br/video/jardim-sensorial-recebe-pessoas-com-deficiencia-0402CC18346ED4B15326>

Anotações
